

## MARIA

O Pacaça esqueceu-se que era um grande bebedor. Já nem mesmo uma boa partida de lerva o fazia esquecer a imensidão exasperante dos dias.

— É um caso perdido - comentava, descoroçado o Barão. — Eu que tinha tantas esperanças neste rapaz!

O Pacaça sorria, o carão inundado por um fogaréu que lhe crescia nas entranhas.

Impreterivelmente todas as noites, antes de se escapulir do quartel para a cubata de Maria, passava pela cozinha buscar os restos do jantar.

— Lá vem o rapa-tachos - galhofavam os cozinheiros.

Quando havia faltas, chegava ao ponto de repartir com a rapariga a sua ração. Estirado no catre, qual ritual, gostava de vê-la comer, silenciosa, cheia de olhares idólatras.

No final, olhos semi-cerrados, o rosto crispado de desejo, chamava-a:

— Anda cá.

Naquela noite estranhou-a. Não lhe achou o ardor habitual. O olhar turvou-se-lhe ciumento.

— O que tens?

— Nada - respondeu Maria, abraçando-o.

O Pacaça repeliu-a com brutalidade.

— O que tens? - repetiu, sondando-lhe os olhos baixos.

— Tenho um filho na barriga - anunciou, com simplicidade, Maria.

— Um filho!? - gritou Pacaça, sentando-se de repelão no catre. — Meu!?

Apanhou as calças e vestiu-as atabalhoadamente. Sentia o estômago às reviravoltas como quando estava com a ressaca.

Maria continuava sentada na beira do catre, esfíngica estátua de ébano.

O Pacaça calçou as botas e pegou na camisa.

— Um filho!?

Velou noite fora.

“Um filho!?”.

Era algo de insólito que se incrustara subrepticamente no seu mundo simples e que, à traição, o socara no estômago, como um copo de bagaço em jejum.

Ouvia o ressonar dos camaradas. A lua ocupou, gorda e enfarinhada, o retângulo da janela, pincelando a oca a caserna. Depois, tranquilamente, desapareceu.

“Que diabo posso fazer? Levar o garoto comigo? Abandoná-lo?”

A esta última alternativa. o coração confrangeu-se-lhe. Na sanzala, em todas as sanzalas por onde passava, as crianças mulatas constrangiam-no.

— Éh filho duma lata de conserva!

— Éh café com leite!

Nunca deixara de repreender os camaradas, quando estes troçavam dos garotos.

Certa vez ia jogando à porrada com o Barão. Não tinha estômago para ouvir aquelas coisas.

“Iria o seu filho ser um dia alvo de troças idênticas?”

Sentia-se acalorado. Com os pés. atirou o lençol para o fundo da cama, indiferente aos mosquitos.

“E se ficasse em Angola?”

Arrepiou-se e cobriu-se de novo com o lençol.

Na sanzala, os galos lá cantavam. Em breve despontaria a alba.

Passou ao de leve pelo sono. Um sono prenhe de pesadelos e de reviravoltas na cama. A uma reviravolta maior a despertina regressou. Contou os meses pelos dedos.

“No fim da comissão já o miúdo teria um ano. Já lhe chamaria pai.”

A ideia de ficar, qual monstro libidinoso, enroscou-se-lhe no cérebro.

“E por que não? Já ouvira dizer que davam terras lá para o sul. Não tinha medo ao trabalho. Afinal, se regressasse, não teria também que ir cavar o seu pão na Alemanha ou na França? Pelo menos em Angola compreendia as pessoas, falava-se língua de gente. Por que não? Ficar com a criança, com Maria”.

O Pacaça sorriu e fechou os olhos, apaziguado. Não tardou a adormecer. Pela janela já escorria uma claridade diáfana.